Acervo ISA

LUX JORNAL | O LIBERAL BELÉM - PA | PUBLICADO EM: 18 ABR 1999

93

NA MISSA

Deuses do céu e da floresta

A comunidade de Takuara, em Belterra, formada por descendentes dos índios mundurukus, participaram, pela primeira vez, da celebração de missa. Em vez do vinho na Eucaristia, o caxará, uma bebida de mandioca fermentada; no lugar da evocação aos santos da Igreja Católica, o pedido de proteção aos deuses e espíritos da floresta para que sejam, finalmente, reconhecidos como povo indígena pela Funai.

■ Atualidades, 5.

CELVALDO CARNEIRO

▲ **A PRIMEIRA MISSA** - *O altar com a oferenda de frutas e o padre (de branco, à esquerda) usando cocar*

LUX JORNAL | O LIBERAL BELÉM - PA | PUBLICADO EM: 18 ABR 1999

Mundurukus celebram suas raízes

FOTOS: CELIVALDO CARNEIRO

Belterra (Celivaldo Carneiro) - Em vez do vinho na Eucaristia, tarubá e caxará (bebidas fermentadas feitas a partir da mandioca); no lugar da evocação dos santos e mártires da Igreja Católica, a recordação e proteção dos deuses e espíritos da floresta. Essa foi a tônica da primeira missa indígena realizada na região Oeste do Pará e que teve como palco a comunidade de Takuara (município de Belterra), distante cerca de 100 km de Santarém, cujos moradores são descendentes dos antigos índios Mundurukus. A celebração teve seu ponto alto no último domingo, 11, quando foi erguido um altar às margens do rio Tapajós e, em meio a cantos em nheengatu (língua do tronco tupi), bebidas e rituais indígenas, o padre Ademar Ribeiro (nativo da região) consagrou a cerimônia com a tradicional liturgia da Igreja Católica.

Membros de ONGs nacionais, como o GCI (Grupo de Consciência Indígena), GDA (Grupo de Defesa da Amazônia), do Conselho Nacional de Seringueiros, e até de uma organização não-governamental finlandesa estiveram participando da cerimônia. Dezenas de moradores das comunidades vizinhas a Takuara, como Pinhel e Suruacá, onde igualmente é desenvolvido trabalho de reafirmação da identidade indígena, também participaram do ritual. Além de muito peixe, carne, frutas, os nativos preparam cerca de 250 litros de tarubá e caxará, servidos aos presentes.

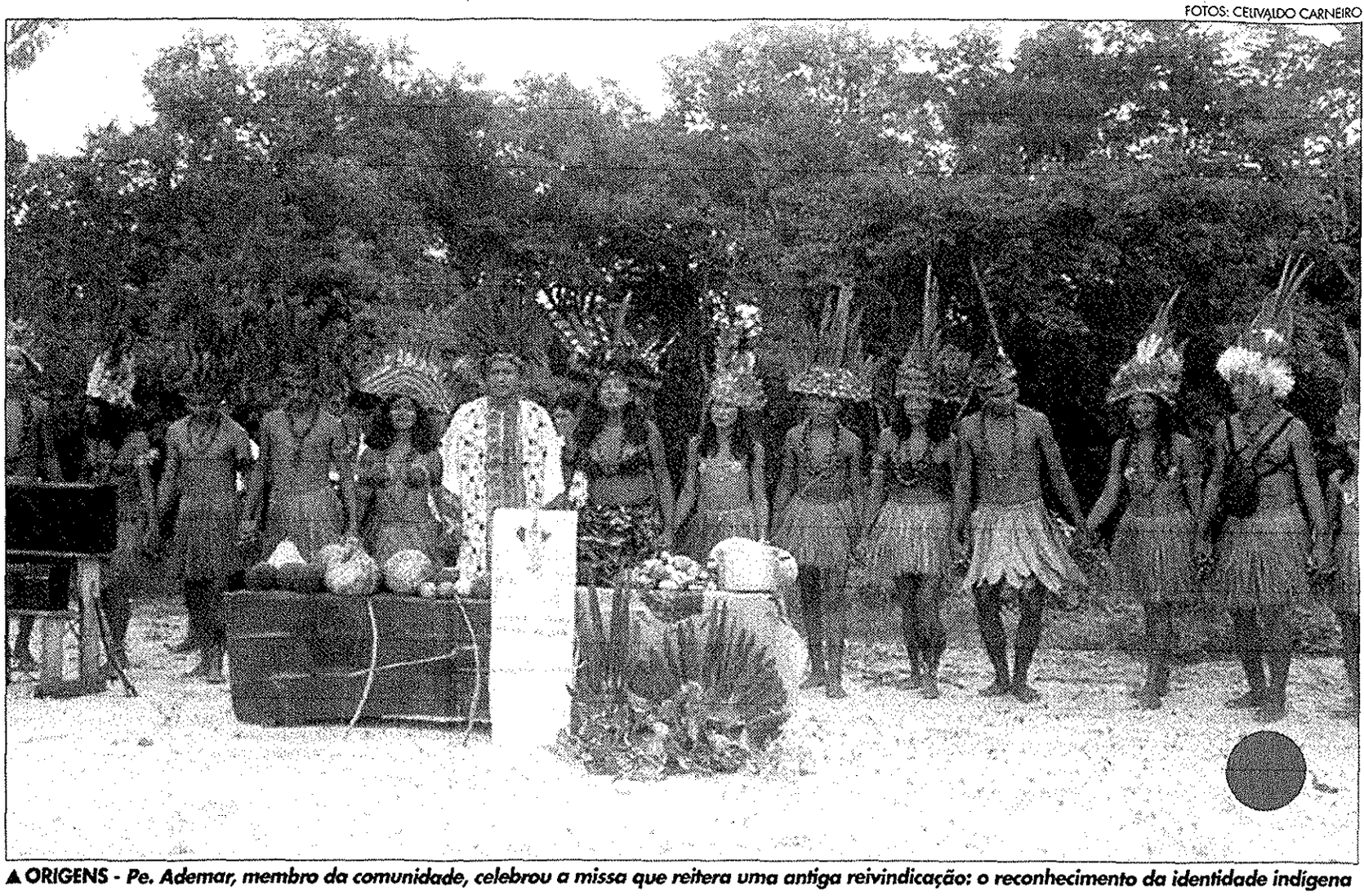
Solidariedade - O ritual começou no sábado, 10, à tarde, quando os moradores do local organizaram uma assembléia e expuseram a todos a luta que travam há anos para que sejam reconhecidos como povo indígena e, a partir de então, a Funai dê início à demarcação de suas terras. "A solidariedade de todos vocês que estão aqui presentes pela primeira vez é fundamental para nós, para nossa luta", declarou Eurico Floriano Cruz, o Eurico Caboclo, 59 anos, filho mais velho do "seu" Laurelino, líder da comunidade falecido no ano passado e que começou o processo de resgate da cultura indígena em Takuara.

À noite, ao redor de uma fogueira, e com a participação do padre Ademar, foram entoados cantos indígenas, invocando-se a presença dos espíritos dos rios e da floresta. Enquanto a batida surda dos tambores marcava o compasso das danças, era feita a defumação do espaço onde se realizava a cerimônia, com cascas de várias árvores da florestas, tidas como sagradas e responsáveis para afastar os maus espíritos.

Logo em seguida foram apresentadas danças típicas daquele povo indígena, como o do Gambá, e de outras nações silvícolas, como a Dança dos Andirás - com o tarubá e o caxará sendo servido à vontade a todos os presentes até a madrugada de domingo. Às 8h30 do dia seguinte, o ritual recomeçou, sendo formado um grande círculo pelos nativos em redor do altar colocado a poucos metros das águas do rio Tapajós. "Essa aproximação e respeito para com a natureza é fundamental na espiritualidade dos povos indígenas da floresta", comentou Florêncio Vaz. Por mais de duas horas, a tradicional liturgia da Igreja Católica foi celebrada em meio a diversas manifestações indígenas. Na leitura do Evangelho, por exemplo, a Bíblia foi levantada aos céus por uma nativa numa atitude de respeito e devoção. Tupã, deus indígena, e a Poraquê encantada [ver matéria abaixo] também foram respeitosamente mencionadas no ritual. A nação Munduruku foi lembrada através de um depoimento, em fita gravada, dado pelo "seu" Laurelino meses antes de morrer.

Outra missa - A cerimônia foi encerrada por volta das 11h00, sendo servido logo a seguir almoço a todos os participantes do ritual. No próximo dias 24 e 25, na comunidade de Suruacá, município de Santarém, será realizada uma outra missa indígena, obedecendo aos mesmos padrões de respeito e resgate da cultura dos povos da floresta amazônica.

A celebração da fé cristã de modo mais próximo aos costumes de cada povo é iniciativa da própria Igreja Católica. As liturgias afro têm sido o exemplo mais visível desta prática. "A missa simboliza um novo tempo no relacionamento entre a Igreja e os povos nativos", disse o frei e antropólogo Florêncio Vaz, um dos maiores incentivadores do evento. "Foi também a forma encontrada pela comunidade de Takuara de dizer que é e quer ser reconhecida como povo indígena". Esse reconhecimento, segundo ele, é fundamental para que a Funai (Fundação Nacional do Índio) dê início a qualquer processo de demarcação de terras indígenas. Essa solicitação já foi feita junto à Funai de Brasília, mas só depois dos estudos antropológicos realizados por técnicos do próprio órgão e que poderá ou não ser expedido o reconhecimento.



▲ **ORIGENS** - *Pe. Ademar, membro da comunidade, celebrou a missa que reitera uma antiga reivindicação: o reconhecimento da identidade indígena*

▲ **DESCENDÊNCIA** - *Em Takuara, jovens e crianças são os mais entusiasmados com o resgate de um passado que serve de motivo de orgulho*

▲ **FESTA** - *As meninas dançam em volta da fogueira e ao som dos tambores*

Poraquê é a divindade que protege peixes do rio

Nenhum dos quase 150 moradores da comunidade de Takuara duvida da existência de um poraquê, peixe fluvial da família dos electroforídeos, dotado de notável capacidade de produzir descargas elétricas, e que, segundo eles, é responsável pela grande quantidade de peixes que existem nos lagos, igarapés, furos e igapós situados às proximidades da localidade.

A existência do peixe, conforme o pescador Eurico Caboclo, é antiga. Os índios mundurukus já mencionava em seus relatos a presença dessa espécie de divindade encantada entre eles. Na verdade, é uma poraquê, branca, que mede aproximadamente 50 centímetros e tem os olhos miúdos e vermelhos. "Ela é a mãe e protetora dos peixes", afirma o pescador. "No mês de junho ela sobe o rio e depois desce com todos eles. É a hora da fartura, quando qualquer pessoa, mesmo quem não saiba pescar pode pegar tucunaré, jaraqui, jutuarana, pacu, tambaqui, pirarucu, todo tipo de peixe".

A poraquê já foi vista, afirma Eurico Caboclo, por muitas pessoas da comunidade. Quando isso acontece, normalmente no entardecer, "ela se faz de coitadinha e foge para o fundo do rio". A mãe dos peixes não pode ser tocada. Caso isso aconteça "a pessoa endoidece e cai n'água atrás da poraquê". Mas ele garante que isso só acontece se a poraquê for provocada. "Ela não mexe com ninguém, é a mãe dos peixes", reafirma. (C.C.)